



TÉCNICO EM PRODUÇÃO DE ÁUDIO E VÍDEO – SUBSEQUENTE

I – REQUERIMENTO

Elaborado pelo estabelecimento de ensino para o secretário de Estado da Educação.

II – IDENTIFICAÇÃO DO ESTABELECIMENTO DE ENSINO

Indicação do nome do estabelecimento de ensino, de acordo com a vida legal do estabelecimento (VLE).

III - PARECER E RESOLUÇÃO DO CREDENCIAMENTO DA INSTITUIÇÃO

IV – JUSTIFICATIVA

A estruturação Curricular do Curso Técnico em Produção de Áudio e Vídeo visa ao aperfeiçoamento na concepção de uma formação técnica que articule trabalho, cultura, ciência e tecnologia como princípios que sintetizem todo o processo formativo.

Assim, os componentes curriculares integram-se e articulam-se garantindo que os saberes científicos e tecnológicos sejam a base da formação técnica. Por outro lado, as ciências humanas e sociais permitirão que o técnico em formação se compreenda como sujeito histórico que produz sua existência pela interação consciente com a realidade construindo valores, conhecimentos e cultura.

O Curso Técnico em Produção de Áudio e Vídeo vem ao encontro da necessidade da formação do Técnico numa perspectiva de totalidade e constitui-se numa atividade com crescente exigência de qualificação. A organização dos conhecimentos, no Curso Técnico em Produção de Áudio e Vídeo enfatiza o resgate da formação humana com a qual o aluno, como sujeito histórico, produz



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E TRABALHO

sua existência pelo enfrentamento consciente da realidade dada, produzindo valores de uso, conhecimentos e cultura por sua ação criativa.

Inegavelmente existe uma grande procura pelo curso de Produção de Áudio e Vídeo por parte da comunidade, marcada pelo perfil heterogêneo no que diz respeito aos mais variados aspectos como faixa etária, formação anterior, experiência profissional, áreas de interesse e expectativas quanto ao curso.

Ocorre que o Curso Técnico em Produção de Áudio e Vídeo vem sendo procurado para atender as expectativas na perspectiva social, cultural e tecnológica. Os anseios colocam-se sobre a possibilidade da formação para o produtor de Áudio e Vídeo na perspectiva do empreendedorismo, bem como na perspectiva da inserção no mundo do trabalho.

Esse dado vem sendo corroborado a partir de pesquisas realizadas pelo Ministério da Cultura - MINC, as quais inclusive marcaram a definição de políticas públicas para o Cinema e Audiovisual. Conforme indica o site do MINC na ocasião: “Uma série de incentivos estatais tem impulsionado a produção, distribuição e exibição de filmes nacionais. (O MINC) lançou o programa Brasil de Todas as Telas, uma ação de proporções inéditas não apenas em volume de recursos, mas por conta das iniciativas envolvidas, que abrangem toda a cadeia produtiva do audiovisual, da criação do roteiro, passando por produção, difusão, incentivo à pesquisa até a ampliação e a modernização do parque exibidor (...) Segundo Manoel Rangel, diretor-executivo da Ancine, nos próximos anos, o Brasil pode se transformar no quinto mercado do mundo em produção e consumo de conteúdos audiovisuais para cinema, televisão e novas mídias. “Nosso país poderá ter 4.500 salas digitais, com capacidade para atrair 220 milhões de espectadores por ano, mais do que o dobro do volume atual. Com a consolidação da Lei 12.485/2011, a Lei da TV Paga, serão veiculados mais conteúdos nacionais, com diversidade e qualidade, fortalecendo as programadoras nacionais, as produtoras independentes e outros agentes do mercado”.

Esse curso, por sua vez, tem como concepção e objetivo, não apenas formar operadores de equipamentos de produção de áudio e vídeo, mas técnicos capazes de compreender a realidade da área na qual está inserida a profissão. Portanto, propõe a formação omnilateral do sujeito, este capaz de fazer as necessárias reflexões sobre o contexto atual, expressando-se a partir das diferentes linguagens tecnológicas.



**SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E TRABALHO**

V – OBJETIVOS

a) Formar profissionais críticos, reflexivos, éticos, capazes de participar e promover transformação no mundo do trabalho.

b) Articular conhecimentos científicos e tecnológicos das áreas naturais e sociais estabelecendo uma abordagem integrada das experiências educativas.

c) Oferecer um conjunto de experiências teóricas e práticas na área com a finalidade de consolidar o “saber fazer”.

d) Formar profissionais capazes de compreender a realidade da área na qual está inserida a profissão, numa perspectiva omnilateral, capaz de fazer as necessárias reflexões sobre o contexto atual, expressando-se a partir das diferentes linguagens tecnológicas.

e) propiciar a interação entre os estudantes, vislumbrando a formação humana na perspectiva do trabalho coletivo e para a coletividade.

f) Preparar o profissional de áudio e vídeo, não somente para atender a necessária demanda do mercado, mas em especial para o exercício de uma produção independente com possibilidades alternativas do fluxo da informação.

VI – DADOS GERAIS DO CURSO

Habilitação Profissional: Técnico em Produção de Áudio e Vídeo.

Eixo tecnológico: Produção Cultural e Design.

Forma: Subsequente.

Carga Horária Total do Curso: 800 horas.

Regime de funcionamento: de 2ª a 6ª feira - manhã, tarde ou noite.

Regime de Matrícula: Semestral.

Número de Vagas: 40 por turma.

Requisitos de Acesso: Conclusão do Ensino Médio.

Modalidade de Oferta: Presencial.



VII - PERFIL PROFISSIONAL DE CONCLUSÃO DE CURSO

O técnico em Produção de Áudio e Vídeo capta imagens e sons; realiza ambientação e operação de equipamentos por intermédio de recursos e linguagens; investiga a utilização de tecnologias de tratamento acústico, de imagem, luminosidade e animação; prepara material audiovisual; e elabora fichas técnicas, mapas de programação, distribuição, veiculação de produtos e serviços de comunicação.

VIII - ORGANIZAÇÃO CURRICULAR CONTENDO AS INFORMAÇÕES RELATIVAS À ESTRUTURA DO CURSO

a. Componente curricular

1. COMUNICAÇÃO E LINGUAGENS MIDIÁTICAS

Carga horária: 64h

EMENTA: Estudo da comunicação como um direito humano; dos meios de comunicação e mídia: mídia de massa, e das novas tecnologias comunicacionais. Análise da evolução e o desenvolvimento das linguagens comunicacionais relacionado ao desenvolvimento das tecnologias da comunicação.

CONTEÚDOS ESTRUTURANTES	CONTEÚDOS BÁSICOS
Comunicação	1.1. Conceito de comunicação e de mídia. 1.2. Meios de comunicação de massa; 1.3. Comunicação interpessoal x Comunicação Social; 1.4. Comunicação Social e seus principais gêneros: jornalístico, publicitário, institucional, artístico, entretenimento, educacional, tutorial.
Gêneros linguísticos	2.1. Gêneros do discurso: diferenças entre textos de cada um dos gêneros da Comunicação Social;



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E TRABALHO

	2.2. Texto para rádio e o texto para televisão; o texto para cinema; o texto para internet; 2.3. Texto para conteúdo multimídia/ multiplataforma.
Linguagens midiáticas	3.1. Texto para rádio, para televisão; para cinema; para internet; 3.2. Linguagem adequada aos gêneros do discurso e às diferentes mídias; 3.3. Desenvolvimento de linguagens e possibilidades tecnológicas das mídias;
Tecnologias	4.1. Evolução da comunicação midiática; 4.2. Estágio atual das linguagens midiáticas.

BIBLIOGRAFIA

BULHÕES, Marcelo. **A Ficção nas Mídias**: um curso sobre a narrativa. São Paulo: Ática, 2009.

COELHO NETTO, J. Teixeira. **Semiótica, Informação e Comunicação**: diagrama da teoria dos signos. São Paulo: Perspectiva, 1996.

MATTELART, Armand. **Pensar as Mídias**. São Paulo: Loyola, 2004.

NOTH, Winfried & SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e Semiótica**. São Paulo: Hacker Editores, 2004.

RUSH, Michael. **Novas Mídias na Arte Contemporânea**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

SANTAELLA, Lucia. **Cultura das Mídias**. São Paulo: Experimento, 1996.

VILALBA, Rodrigo. **Teoria da Comunicação**: conceitos básicos. São Paulo: Ática, 2007.



2. DIREÇÃO DE ARTE

Carga horária total: 48h

EMENTA: Estudo da história da cenografia, iluminação do espaço cênico e nos meios audiovisuais. Compreensão e aplicação da cenografia, iluminação, tanto como manifestação cultural como expressão artística; estudos cenográficos para iluminação, figurino, maquiagem, arte e objetos de cena para construção de cenários e projetos artísticos.

CONTEÚDOS ESTRUTURANTES	CONTEÚDOS BÁSICOS
Espaço cênico e meios audiovisuais	1.1. Aspectos arquitetônicos e cenográficos da locação, a evolução do espaço cênico e das propostas estéticas; Direção de arte.
Iluminação	2.1. Princípios básicos de eletricidade: cabeamentos e conexões. 2.2. Efeitos luminosos na elaboração cênica. 2.3. Luz na criação do efeito dramático: Planos de luz, estudo das cores, afinação e criação.
Aplicações e <i>softwares</i>	3.1. Perspectiva, croqui, estudo das cores e projetos, desenho; 3.2. Projeção do espaço cênico: modelagem 3D, mapa de cena, mapa de luz, mapa de palco, Cenografia.
Cenografia	4.1. Teoria das cores. 4.2. Teoria e prática da cenografia; Projeção cênica: uso e possibilidades de construção cenográfica com materiais alternativos, analógicos e/ou digitais. 4.3. Planilhas: decupagem e análise técnica.

BIBLIOGRAFIA

EISENSTEIN, Sergei. **A Forma do Filme**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.



PEDROSA, Israel. **Da Cor a Cor Inexistente**. Rio de Janeiro: Léo Christiano, 1998.

LUCA, L.G.A. **Cinema Digital e 35mm técnicas, equipamentos e instalação de salas de cinema**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

MACHADO, A. **Pré-cinemas & Pós-cinemas**. São Paulo: Papirus, 4º Ed. 2007.

SILVEIRA, Luciana Martha. **Introdução à teoria da cor**. 2. ed. Curitiba: UTFPR, 2015.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política, Volume 1**. 11º Ed, Brasiliense, SP, 2008.

CAMARGO, Roberto. **Conceito de iluminação cênica**. Ed. Música & Tecnologia, 2012.

GUIMARÃES, Luciano. **A cor como informação: a construção biofísica, lingüística e cultural da simbologia das cores**. São Paulo: Annablume, 2000.

GRIFFITHS, T. R. **A iluminação**. Cadernos de teatro, número 113, pág. 8. Ed. Do Tablado. Rio de Janeiro. RJ.

ROUBINE, Jean-Jacques. **A linguagem da encenação teatral**. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro. RJ, 1998.

WILSON, E. A iluminação. **Cadernos de teatro, número 85, p. 01**. Editora do Tablado. Rio de Janeiro. RJ. S/ano

3. EDIÇÃO E FINALIZAÇÃO DE IMAGEM

Carga horária: 80h

EMENTA: Estudo da teoria e da prática da montagem; Planejamento e seleção de imagem para edição, compreensão e operação de *software* de edição específico, bem como trabalho de edição e finalização de produtos audiovisuais. Pós-produção audiovisual.

CONTEÚDO ESTRUTURANTE	CONTEÚDOS BÁSICOS
Montagem	1.1. Teorias de montagem. 1.2. Métodos de montagem. 1.3. Gêneros de montagem. 1.4. O uso criativo do som na montagem.
Imagens	2.1. Sistemas, formatos de imagem e vídeo, resolução. 2.2. <i>Software</i> de edição I: Iniciando um projeto; formatos de imagem e vídeo; importação, organização e seleção de cenas; ferramentas fundamentais: corte, fade, transições visuais; sincronia de som e imagem. 2.3. Efeitos e manipulações; montagem experimental; 2.4. <i>Software</i> de edição II: divisão de tela, ordem das tomadas e de seus efeitos associativos, duração de tomadas, cortes de compasso e ritmo, controle de tempo, <i>slow motion</i> , estabilização de movimento, composição e outros efeitos. 2.5. Design tipográfico, legendas e vinhetas. 2.6. Formatação do produto audiovisual por meio de imagens e áudio. 2.7. Renderização e finalização de projeto audiovisual.
Colorização	3.1. Introdução à Cor; compreensão dos sistemas aditivo e subtrativo. 3.2. Conceitos de cor; Equilíbrio de cor; Continuidade de cor; Temperatura de cor; Contrastes de cor. 3.3. Características da cor: matiz, luminância e saturação. 3.4. Calibragem de monitores. 3.5. <i>Software</i> de colorização: Iniciação ao tratamento de cor com <i>software</i> de colorização.
Finalização de projeto	4.1. Renderização e finalização de projeto audiovisual com correção de cor; 4.2. Exportação para televisão, DVD, Blu-ray, internet e DCP; <i>Backup</i> .



BIBLIOGRAFIA

AMIEL, Vincent. **A estética da montagem**. 1ed. Lisboa: Edições Texto & grafia, 2007.

ARNHEIM, Rudolf. **Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora**. São Paulo: EDUSP, 1980.

AUMONT, Jacques. **A estética do filme**. 1ed. São Paulo, Papyrus, 1995.

BARROS, Lilian R.M. **A cor no processo criativo: um estudo sobre a Bauhaus e a teoria de Goethe**. São Paulo: Senac, 2006.

BURCH, Noel. **Práxis do Cinema**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.

DANCYGER, Ken. **Técnicas de Edição para Cinema e Vídeo**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2003.

EISENSTEIN, Sergei. **A Forma do Filme**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

GAGE, John. **A cor na arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

GOETHE, J. W. **Doutrina das cores**. São Paulo: Nova Alexandria, 1993.

HULLFISH, Steve. **The Art and Technique of Digital Color Correction**. 2 ed. USA: Elsevier, 2012.

HURKMAN, Alexis V. **Color Correction Handbook: Professional Techniques for Vídeo and Cinema**. 2 ed. USA: Peachpit Press, 2014.

ITTEN, Johannes. **Arte del Color: Aproxiamción subjetiva y descripción objetiva del arte**. Edición abreviada EDITORIAL BOURET 10, rue Cassette, Paris VI.

LEONE, Eduardo. **Reflexões sobre a montagem cinematográfica**. 1ed. Belo Horizonte, 2005.

MURCH, Walter. **Num piscar de olhos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

MOURA, Edgar. **Da Cor**. Santa Catarina: iPhoto Editora, 2016.

PEDROSA, Israel. **O universo da cor**. Rio de Janeiro: Senac, 2004.



XAVIER, Ismail. **O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência**. 4ed. São Paulo: Paz e Terra. 2008.

XAVIER, Ismail (org). **A Experiência do Cinema**. Rio de Janeiro: Graal/Embrafilme, 1983.

WHELAN, Bride M. **La armonía en el color - Nuevas tendencias**: Guia para la combinación creativa de colores. México: Arte y diseño gráfico, 1994.

4. FOTOGRAFIA

Carga horária: 80h

EMENTA: Estudo dos princípios da cinematografia digital. Compreensão da técnica e estética da linguagem fotográfica no audiovisual. Aplicação da cinematografia digital avançada em cinema e audiovisual.

CONTEÚDO ESTRUTURANTE	CONTEÚDOS BÁSICOS
Cinematografia digital	1.1. Aparelhos de representação da imagem. 1.2. Cinematografia 1.3. Direção de fotografia. 1.4. Equipes da fotografia. 1.5. Cinematografia no cinema: <i>noir</i> , expressionismo; Neorrealismo; documentário; Nouvelle Vague; construtivismo russo; cinema asiático; cinema da América Latina. 1.6. Cinema experimental e Pós-cinemas. 1.7. Cinematografia contemporânea.
Técnica Fotográfica	2.1. Cuidados, limpeza e preservação dos equipamentos. 2.2. Tipos de câmeras. 2.3. Corpo, Objetiva e Mecanismos de exposição. 2.4. Fotometria. 2.5. Foco (<i>follow focus</i>), profundidade de campo e distância focal. 2.6. Formato e aspecto da imagem. 2.7. Introdução à colorimetria. 2.8. Movimentos de câmera. 2.9. Acessórios de câmera, cartões de memória e logagem.

Iluminação	3.1. Conceitos básicos de elétrica. 3.2. Manuseio de equipamentos e acessórios. 3.3. Refletores, difusores, máscaras e acessórios. 3.4. Luz dura, difusa e rebatida. 3.5. Iluminação de três pontos: luz de ataque, luz de compensação e contraluz. 3.6. Relação: natureza, direção e intensidade. 3.7. Luz diegética e não diegética. 3.8. Correção e fontes de luz. 3.9. Montagem, operação e posicionamento de sistemas de iluminação (refletores), <i>Setups</i> .
Projeto Fotográfico	4.1. Roteiro. 4.2. Pré-produção. 4.3. <i>Softwares</i> de planta baixa e mapa de luz; 4.4. Opção <i>cinestyle</i> ; opção <i>Magic Lantern (pictures profiles)</i> em câmeras DSLR; 4.5. Filmagens (externa e interna) 4.6. Análise da Produção; 4.7. Pós-produção: Colorização.

BIBLIOGRAFIA

ADAMS, Ansel. **O Negativo**. São Paulo, Senac, 2001.

ALMENDROS, Néstor. **Días de una cámara**. Espanha, Seix Barral, 1982.

ARNHEIM, R.. **Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora**. São Paulo: EDUSP, 1980.

ARONOVICH, Ricardo. **Expor uma História: a fotografia do cinema**. São Paulo: Gryphus, 2004.

AUMONT, Jacques. **A estética do filme**. São Paulo: Papyrus, 1995.

_____. **A Imagem**. Campinas : Papyrus, 1993.

ADAMS, Ansel. **O Negativo**. São Paulo, Senac, 2001.

BUSSELLE, Michael. **Tudo sobre fotografia**. São Paulo: Livraria Pioneira. 1993.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E TRABALHO

BROWN, Blain. **Cinematography: Theory and Practice: Image making for cinematographers and directors**. USA: Elsevier, 2012.

FREEMAN, Michael. **O Novo Guia Completo de Fotografia Digital**. Porto Alegre: Bookman, 2013.

MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

MASCELLI, Joseph V. **Os Cinco Cs da Cinematografia: Técnicas de filmagem**. São Paulo: Summus Editorial, 2010.

MACHADO, Arlindo. **Pré-cinemas & Pós-cinemas**. São Paulo: Papyrus, 4º Ed. 2007.

MERCADO, Gustavo. **O Olhar do Cineasta: Aprenda (e Quebre) as Regras da Composição Cinematográfica**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

MONCLAR, Jorge. **O Diretor de Fotografia**. Rio de Janeiro: Solutions Comunicações, 1999.

MOURA, Edgar. **50 anos luz, câmera e ação**. 2.ed. São Paulo: SENAC, 2001.

_____. **Da Cor**. Santa Catarina: iPhoto Editora, 2016.

PRÄKEL, David. **Fotografia básica: composição**. Porto Alegre: Bookman, 2010.

Cambridge in Colour. Disponível em: <http://www.cambridgeincolour.com/>. Acesso em 05/09/2017.

Queimando o filme. Disponível em: <http://www.queimandofilme.com/>. Acesso em 05/09/2017.

Dicas de fotografia. Disponível em: <http://dicasdefotografia.com.br/>. Acesso em 05/09/2017.

Mnemocine. Disponível em: <http://www.mnemocine.com.br>. Acesso em 05/09/2017.

Fazendo Vídeo. Disponível em: <http://www.fazendovideo.com.br/>. Acesso em 05/09/2017.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E TRABALHO

Film Maker. Disponível em: <http://www.film maker.com.br/>. Acesso em 05/09/2017.

5. FUNDAMENTOS DO TRABALHO

Carga horária: 32h

EMENTA: Compreensão da perspectiva histórica e ontológica do trabalho: o trabalho como condição de sobrevivência e de realização humana. Compreensão da perspectiva históricas do trabalho. As dimensões centrais do trabalho no modo de produção capitalista. Os modelos produtivos e de gestão da força de trabalho: taylorismo, fordismo e os modelos flexíveis. Análise da condição do produtor de áudio e vídeo diante das mudanças no setor produtivo e cultural e as perspectivas da produção independente.

CONTEÚDO ESTRUTURANTE	CONTEÚDOS BÁSICOS
Contexto histórico	1.1. Dimensão ontológica do trabalho. 1.2. Dimensões do trabalho no capitalismo. 1.3. Gênese do trabalho. 1.4. Os modelos produtivos e de gestão da força de trabalho.
Indicadores do mundo de trabalho no Brasil	2.1. Reestruturação do setor produtivo. 2.2. Papel do estado no provimento de direitos. 2.3. Produtor de áudio e vídeo e mudanças no setor produtivo e cultural e perspectivas da produção independente.

BIBLIOGRAFIA

ALBORNOZ, S. **O Que é Trabalho?** Brasiliense, Col. Primeiros Passos, São Paulo. 1989.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao Trabalho? Ensaio Sobre as Metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho.** Cortez. São Paulo. 2003.

_____. **A Dialética do Trabalho.** Escritos de Marx e Engels. Expressão Popular. São Paulo. 2004.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E TRABALHO

_____. **Afinal, Quem é a Classe Trabalhadora Hoje? Estudos do Trabalho.** Ano II. N° 3, 2008. www.estudosdotrabalho.org

_____. **Os Sentidos do Trabalho.** Boitempo. São Paulo. 2000.

_____. **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **Contrafogos: táticas para enfrentar a invasão neoliberal.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

CATANI, Afrânio Mendes. **O Que é Capitalismo. Brasiliense.** Col. Primeiros Passos. São Paulo. 1983.

_____. **O Que é Imperialismo.** Col. Primeiros Passos. Brasiliense. São Paulo. 1998. CHESNAIS, François. **A Mundialização do Capital.** Xamã. São Paulo. 1996.

FERNANDES, Florestan. **A Integração do Negro na Sociedade de Classes.** Vol. 1 e 2. Dominus. São Paulo. 1965.

GORENDER, Jacob. **O Escravismo Colonial.** Ática. São Paulo. 1980.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna.** Loyola. São Paulo. 1992.

HOLZSMANN, Lorena et al. (Orgs.) **O mosaico do trabalho na sociedade contemporânea: persistências e inovações.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

MARX, Karl. **O Trabalho Alienado.** In Manuscritos Econômico-Filosóficos. Edições 70. Lisboa. 1993.

_____. **O Capital: crítica da economia política.** Livro I (1980), Livro II (1980) e Livro III (1984) Civilização Brasileira. Rio de Janeiro.

_____. e ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista.** Várias edições.

PINTO, Geraldo Augusto. **A Organização do Trabalho no Século XX: taylorismo, fordismo e toyotismo.** Expressão Popular. São Paulo. 2007.

POCHMANN, Márcio. **Nova Classe Média? O trabalho na base da pirâmide social brasileira.** Boitempo Editorial. São Paulo. 2012.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E TRABALHO

_____. **O Emprego na Globalização**. Boitempo. São Paulo. 2001.

SANDRONI, Paulo. **O que é Mais Valia**. Brasiliense. Col. Primeiros Passos. São Paulo. 1982.

THOMPSON, Edward. P. **Costumes em Comum**. Cia das Letras. São Paulo. 2011.

_____. **A Formação da Classe Operária Inglesa**. 3 volumes. Paz e Terra. São Paulo.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. Martin Claret. São Paulo. 2004.

_____. **Economia e Sociedade**. Vol. 1 (1991) e Vol. 2 (2009). UNB. Brasília.

6. HISTÓRIA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Carga horária: 64h

EMENTA: Estudo da história e a evolução do rádio, dos meios audiovisuais e da mídia em geral, sobretudo quanto à função social. Análise do desenvolvimento e a expansão da internet e das novas tecnologias informacionais e comunicacionais; o advento e expansão das redes sociais de comunicação interativa.

CONTEÚDOS ESTRUTURANTES	CONTEÚDOS BÁSICOS
Rádiodifusão	1.1. Sistema de radiodifusão aberta. 1.2. Radiodifusão como bem público.
Gestão pública de radiodifusão	2.1. Rádio e a televisão pública e a privada. 2.2. Concessões no Brasil e no mundo.
Desenvolvimento do rádio e TV	3.1. Surgimento do rádio. 3.2. Era de Ouro do rádio. 3.3. Influência do rádio e da TV na sociedade. Modelos de programação. 3.4. Desenvolvimento técnico da televisão; 3.5. Redes nacionais de televisão.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E TRABALHO

	3.6. Televisão de sinal aberto. 3.7. Televisão paga.
Cinema	4.1. Surgimento do cinema. 4.2. Desenvolvimento do cinema; 4.3. Indústria cinematográfica; 4.4. Cinema brasileiro.
Internet e novas tecnologias	5.1. Convergência das tecnologias da comunicação com a informática; 5.2. História da internet. 5.3. Expansão da internet. 5.4. Redes sociais e canais de comunicação interativa.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Márcia Nogueira; ANTONIUTTI, Cleide Luciane; FONTOURA, Mara. **Mídia e produção audiovisual: uma introdução**. Curitiba: Editora Ibex, 2008.

BALLERINI, Francesco. **Cinema brasileiro no século 21**. São Paulo: Summus, 2012

BERNADET, Jean Claude. **Brasil em tempos de cinema - Ensaio sobre o cinema brasileiro de 1958 a 1966**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. **Historiografia clássica do cinema brasileiro - Metodologia e Pedagogia**. São Paulo: Annablume, 2008

BRASIL, Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. Brasília: Secom, 2014.

BRIGGS, Asa. BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet**. Tradução de Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro> Jorge Zahar Editora, 2006.

CASÉ, Rafael. **Programa Casé - O rádio começou aqui**. Rio de Janeiro: Mauad, 1995.

CALABRE, Lia. **A era do rádio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E TRABALHO

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet - reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

DE FLEUR, Melvin Lawrence e BALL – ROKEACH, Sandra. **Teoria da comunicação de massa**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

INTERVOZES - COLETIVO BRASIL DE COMUNICAÇÃO SOCIAL (Brasil). **Caminhos para a luta pelo direito à comunicação no Brasil: Como combater as ilegalidades no rádio e na tv**. São Paulo: Intervozes, 2015. Disponível em: <<http://intervozes.org.br/arquivos/interman004cldcnb.pdf>>. Acesso em 6 de março de 2017.

MENEGUEL, Ivonete Pedra. **O rádio no Brasil: do surgimento à década de 1940 e a primeira emissora de rádio em Guarapuava**. Curitiba: Secretaria de Estado da Educação (PR), 2006. Disponível em <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/713-4.pdf>

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; ROXO, Marco. SACRAMENTO, Igor. **História da televisão no Brasil: do início aos dias de hoje**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

SANTIAGO, Gil; REZENDE, André Luis. **PRA - 7: a primeira rádio do interior do Brasil**. Ribeirão Preto: Edição do Autor.

7. LEGISLAÇÃO DOS MEIOS AUDIOVISUAIS

Carga horária: 48h

EMENTA: Estudo das principais legislações no âmbito da cultura e da produção audiovisual. Ética na profissão de Técnico em Produção em áudio e vídeo. Compreensão do papel do Estado na promoção de políticas que visem a incentivos para produção independente. Política cultural e seus mecanismos. Estudo mercadológico do impacto de eventos culturais sobre a sociedade.

CONTEÚDOS ESTRUTURANTES	CONTEÚDOS BÁSICOS
Legislações	1.1. Lei do direito autoral e concessão do uso de imagens e textos; 1.2. Normas e leis da atividade da radiodifusão. 1.3. Código Brasileiro de Telecomunicações. 1.4. Marco regulatório para as comunicações audiovisuais. 1.5. “Lei da TV a cabo” . 1.6. Cadastro e registro na ANCINE, DRT e Pessoa Jurídica. 1.7. Sindicatos e associações.
Ética	2.1. Ética e uso das tecnologias de comunicação e informação.
Políticas públicas	3.1. Leis de incentivo à cultura; 3.2. História das leis de incentivo à cultura no Brasil. 3.3. Mecanismos de remissão fiscal e suas características; 3.4. Trâmite de aprovação de projetos e prestação de contas. 3.5 Projeto cultural. 3.6. Indústria Cultural. 3.7. Políticas culturais. 3.8. Cinema e do mercado audiovisual. 3.9. Produção executiva.
Produção cultural	4.1. Eventos, mostras e festivais: conceitos, mercado, formas de elaboração. 4.2. Políticas culturais e mecanismos de fomento. 4.3. Cadastro e inscrição de projetos culturais. 4.4. Formatação de projetos. 4.5. Captação de recursos; 4.6. Responsabilidade social e empreendedorismo.

BIBLIOGRAFIA

BARBALHO, Alexandre. **Políticas e indústrias culturais na América Latina**. Revista Contemporânea, Rio de Janeiro, Vol. 9, Ed. 17, p. 23-35, 2011.

BRANT, Leonardo. **Mercado Cultural: investimento social, formatação e venda de projetos, gestão e patrocínio, política cultural**. São Paulo: Editora 2001.

BRANT, Leonardo (Org.). **Políticas Culturais**. Barueri, SP: Manole, 2002.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E TRABALHO

CESNIK, Fábio de Sá. **Guia de incentivo à cultura**. Barueri, SP: Manole, 2007.

CHAUI, Marilena. **Cidadania Cultural: o direito à cultura**. São Paulo: Perseu Abramo, 2006.

COELHO NETO, José Teixeira. **Dicionário Crítico de Política Cultural**. São Paulo: Iluminares, 1997.

FEIJÓ, M.C. **O que é política cultural?** São Paulo: Brasiliense, 1983.

MELEIRO, Alessandra (Org.). **Cinema e Economia Política**. São Paulo: Escrituras, 2009.

MORAES, Ulisses Quadros de. **Leis de Incentivo e sistemas colaborativos**. Curitiba: Intersaberes, 2017

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PARANAGUA,P e BRANCO, S. **Direitos autorais**. FJV, São Paulo. 2011.

REIS, Ana Carla Fonseca. **Economia da cultura e desenvolvimento sustentável: o caleidoscópio da cultura**. Barueri, SP: Manole, 2007.

REIS, Ana Carla Fonseca. **Marketing Cultural e Financiamento da Cultura: teoria e prática em um estudo internacional comparado**. São Paulo: Cengage Learning, 2009.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado: processo de criação artística**. 5^o edição. São Paulo: Intermeios, 2011.

ZAMBONI, Silvio. **A Pesquisa em Arte: um paralelo entre Arte e Ciência**. 3^oed, Autores Associados, São Paulo, 2006.

Ancine. Disponível em www.ancine.gov.br. Acesso em 10/09/2017.

Cinematório. Disponível em www.cinematario.com.br. Acesso em 10/09/2017.

Ministério da Cultura. Disponível em www.cultura.gov.br. Acesso em 10/09/2017.

Fundação Cultural de Curitiba. Disponível em www.fudacaoculturaldecuitiba.com.br . Acesso em 10/09/2017.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E TRABALHO

Fórum dos Festivais. Disponível em <http://www.forumdosfestivais.com.br>. Acesso em 10/09/2017.

Kinoforum. Disponível em <http://www.kinoforum.org.br>. Acesso em 10/09/2017.

Secretaria da Cultura. Disponível em www.pr.gov.br/seec. Acesso em 10/09/2017.

8. LINGUAGEM AUDIOVISUAL

Carga horária: 80h

EMENTA: Estudo da linguagem audiovisual calcada no desenvolvimento do cinema durante o século XX, seus principais movimentos, escolas e estruturas de produção. Características fundamentais da imagem fílmica. Construção e elaboração audiovisual calcados no discurso cinematográfico. Mídias e gêneros audiovisuais. Novas mídias.

CONTEÚDOS ESTRUTURANTES	CONTEÚDOS BÁSICOS
Campo cinematográfico	1.1. Cinema: matriz da expressão audiovisual; 1.2. Gêneros cinematográficos.
Características	2.1. Linguagem audiovisual. 2.2. Relação de espaço-tempo; a narrativa fílmica; 2.3. Iluminação, os figurinos, o cenário, a cor; os atores; 2.4. Estética e linguagem. 2.5. Características verbais e não verbais da comunicação audiovisual; 2.6. Construção e função do discurso fílmico; 2.7. <i>Storyboard</i> ; 2.8. Da concepção à direção de cena.
Mídias e gêneros audiovisuais	3.1. Documentário. 3.2. Linguagens televisiva, videográfica e cinematográfica. 3.3. Narrativas seriadas (novelas, miniséries e séries). 3.4. Videoclipe. 3.5. Animação: <i>Stop motion</i> , <i>Gifs</i> animados.
Novas mídias	4.1. Peças publicitárias. 4.2. Produção para a web.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E TRABALHO

	4.3. Experimentalismo e formatos audiovisuais. 4.4. Audiovisuais interativos.
--	--

BIBLIOGRAFIA

ARMES, Roy. **On Video: o significado do vídeo nos meios de comunicação**. São Paulo: Summus, 1999.

ANNE GOLIOT-LETE & FRANCIS VANOIE. **Ensaio Sobre a análise fílmica**. Editora Papirus, 2002.

BURCH, Noel. **Práxis do Cinema**. Editora Perspectiva. 1992.

BRANDÃO, Cristina. COUTINHO, Iluska. LEAL, Paulo Roberto Figueira (org.). **Televisão, Cinema e Mídias Digitais**. Florianópolis: Insular, 2012.

FREIRE FILHO, João. BORGES, Gabriela (org.). **Estudos de Televisão: diálogos Brasil-Portugal**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

MACHADO, Arlindo. **A Televisão Levada a Sério**. São Paulo: SENAC, 2000.

_____ (org.). **Made In Brasil: três décadas de vídeo brasileiro**. São Paulo: Iluminuras, 2007.

_____. **A Arte do Vídeo**. São Paulo: Brasiliense, 1997.

MARTIN, Marcel. **A Linguagem Cinematográfica**. Paulo Neves (Trad.) São Paulo: Brasiliense, 2003.

NEWTON, Cannito. **A Televisão na Era Digital: interatividade, convergência e novos modelos de negócio**. São Paulo: Summus, 2010.

PIGNATARI, Décio. **Signagem da Televisão**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. SACRAMENTO, Igor. ROXO, Marcos (org.). **História da Televisão no Brasil: do início aos dias de hoje**. São Paulo: Contexto, 2010.

_____ (org.). **Televisão, História e Gêneros**. Luminária, 2014.

SANTORO, Luiz Fernando. **A Imagem nas Mãos: o vídeo popular no Brasil**. São Paulo: Summus, 1989.

SOAREZ, Thiago. **A Estética do Videoclipe**. 2014.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E TRABALHO

SOUZA, José Carlos Aronchi de. **Gêneros e Formatos na Televisão Brasileira**. São Paulo: Summus, 2004.

YOSHIURA, Eunice Vaz. **Videoarte, Videoclipe**. Porto de Ideias, 2007.

XAVIER, Ismail. **O Discurso Cinematográfico: opacidade e transparência**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

9. PRODUÇÃO EM ÁUDIO

Carga horária: 80h

EMENTA: Estudo dos fundamentos do áudio. Compreensão da teoria e prática da produção e edição de áudio por meio de tecnologias digitais. Conhecimento e aplicação de técnicas e equipamentos utilizados nos processos de captação de som no audiovisual. Conceitos e técnicas para captação direta e pós-produção de som em produtos audiovisuais.

CONTEÚDOS ESTRUTURANTES	CONTEÚDOS BÁSICOS
Fundamentos	1.1. Introdução ao áudio. 1.2. Elementos e conceitos do som. 1.3. Elementos formadores da música. 1.4. Propriedades do som. 1.5. Linguagem de áudio 1.6. Acústica. 1.7. Equipamentos de áudio e acessórios.
Produção e edição	2.1. Áudio para publicidade. 2.2. Decupagem em áudio para rádio, televisão, cinema e outras mídias. 2.3. Som direto e pós-produção de som. 2.4. Gravação e programação musical. 2.5. Captura e gravação em estúdio/estúdio portátil.

	<p>2.6. Seleção de material fonográfico e de efeitos sonoros para apoio à programação musical.</p> <p>2.7. Equipamentos e processos de edição de sons.</p> <p>2.8. <i>Softwares</i> de edição de áudio.</p> <p>2.9. Técnicas de montagem/edição e mixagem em áudio.</p> <p>2.10. Formatos de finalização de arquivo de áudio.</p> <p>2.11. Masterização de áudio.</p>
Elementos sonoros	<p>3.1. Ruídos: naturais, humanos e mecânicos.</p> <p>3.2. Diálogos: amplitude, tonalidade e timbre.</p> <p>3.2. Efeitos sonoros: máscara auditiva; imposição do ambiente; sobreposição; antecipação, assincronia; silêncio.</p>
Musicalização	<p>4.1. Elementos básicos da música (melodia, harmonia e ritmo);</p> <p>4.2. Trilha sonora e seu papel dramático, rítmico e lírico.</p> <p>4.3. Música diegética, não diegética e meta-diegética;</p> <p>4.4. Contraponto orquestral e a não coincidência do som com a imagem.</p>
Pré-produção e produção	<p>5.1. Equipe de trabalho; pré-produção: leitura de roteiro, escrita de som, decupagem de som, mapa de som; projeto de som.</p> <p>5.2. Gravador digital, microfones e acessórios em uma produção audiovisual.</p> <p>5.3. Produção: som direto; utilização, posicionamento e configurações; boletim de som.</p> <p>5.4. Gravação em interna e externa; escuta e análise de som.</p>
Pós-produção e software de edição	<p>6.1. “<i>Soundesigner</i>” na produção audiovisual;</p> <p>6.2. Acervos ou arquivos de efeitos sonoros;</p> <p>6.3. Princípios do Foley; bibliotecas; exercícios de Foley: captação em estúdio.</p>



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E TRABALHO

	6.4. <i>Software</i> de áudio. 6.5. Mixagem de áudio: ambientação, paisagem sonora; diálogos; dublagem; sincronização; ajustes; master.
--	--

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, W. Theodor, EISLER, Hanns. **El Cine Y La Musica**. Madrid: Editorial Fundamentos, 1976.

AUMONT, Jacques. **A estética do filme**. São Paulo: Papirus, 1995.

BARBOSA Fo, A. **Gêneros Radiofônicos**: Os formatos e os programas em áudio. São Paulo: Paulinas, 2003.

BENNETT, R. **Elementos Básicos da Música**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

BURCH, Noel. **Práxis do cinema**. Estampa. Lisboa. 1973.

DANCYGER, K. **Técnicas de Edição para Cinema e Vídeo**. Campus: 2003;

EISENSTEIN, Sergei. **A forma do filme**. Trad. Teresa Ottoni. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

EISENSTEIN, Sergei. **O sentido do filme**. Trad. Teresa Ottoni. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

FARJOUN, Daniel. **Mix: o poder da mixagem**. Rio de Janeiro, H.Sheldon, 2007.

HENRIQUES, Fábio. **GUIA de MIXAGEM**. Rio de Janeiro: Música & Tecnologia, 2007.

MCLEISH, R. **Produção de Rádio**: Um Guia Abrangente de Produção Radiofônica. São Paulo: Summus editorial, 2001.

MORAES, Ulisses Quadros de. **Áudio básico**. Curitiba: edição do autor, 2017.

MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

MURCH, W. **Num Piscar de Olhos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2004.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E TRABALHO

MURICY, Antonio Carlos. **Carta aberta do seu departamento de som**. Acesso em: <https://somdefilme.files.wordpress.com/2010/03/carta-aberta-do-seu-dep-de-som.pdf>.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação do. **Diretrizes Curriculares de Arte para a Educação Básica**. Departamento de Educação Básica. Curitiba, 2008.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação do. **Livro Didático Público de Arte**. Departamento de Educação Básica, Curitiba, 2008.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação do. **Produções de áudio: fundamentos**. Coordenação de Multimeios. Curitiba, 2011.

PRADO, M. **Produção de Rádio: um Manual Prático**. São Paulo: Campus, 2006.

SCHAFER, R. Murray. **O Ouvido Pensante**. São Paulo: UNESP, 1991.

S.W. AMOS. **TV, Rádio e Som: Equipamentos de Som**. Emos, 2004.

XAVIER, Ismail. **O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência**. 3.ed. São Paulo: Paz e Terra. 2005.

WISNIK, M. José. **O Som e o Sentido: Uma outra história das músicas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

VALLE, Sólton Do. **Manual prático de acústica**. Rio de Janeiro. 2009.

10. PRODUÇÃO EM VÍDEO

Carga horária: 80h

EMENTA: Entendimento do processo de produção de um audiovisual, desde a pré-produção, produção e pós-produção. Execução de produtos audiovisuais como: ficção, projetos de TV e documentário. Aprimoramento do trabalho em equipe e entender os processos de execução de um audiovisual. Realização Audiovisual.

CONTEÚDO ESTRUTURANTE	CONTEÚDOS BÁSICOS
----------------------------------	--------------------------

<p>Fundamentos da produção audiovisual</p>	<p>1.1. Conceitos sobre equipe de filmagem. 1.2. Funções da equipe e suas especificidades. 1.3. Produção. 1.4. Formas de financiamento. 1.5. Do roteiro à decupagem. 1.6. <i>Storyboard</i>. 1.7. Cronograma 1.8. Orçamentos. 1.9. Locações. 1.10. <i>Casting</i> 1.11. Pré-produção. 1.12. Equipamentos. 1.13. Ordem do dia; 1.14. Produção e pós-produção.</p>
<p>Produção e realização audiovisual</p>	<p>2.1. Realização da pré-produção, produção e pós-produção de audiovisual; 2.2. Tomadas internas e externas. 2.3. Posicionamento de equipamentos e equipe no set de filmagem. 2.4. Processamento, distribuição e exibição do produto audiovisual. 2.5. <i>Merchandising</i>.</p>
<p>Pré-produção</p>	<p>3.1. Funções na produção audiovisual. 3.2. Roteiro. 3.3. Decupagem: direção; fotografia; arte; produção e som; 3.4. Locações. 3.5. Cronograma e orçamento. 3.6. <i>Casting</i>. 3.7. Planilhas. 3.8. Ordem do dia de filmagem.</p>
<p>Produção e realização audiovisual</p>	<p>4.1. Organização e hierarquia. 4.2. Medidas de segurança e cuidados essenciais. 4.3. Filmagem.</p>
<p>Pós-produção</p>	<p>5.1. Edição, tratamento e finalização de imagem. 5.2. <i>Softwares</i>. 5.3. <i>Layout</i>. 5.4. Divulgação em mídias. 5.5. Exibição.</p>

BIBLIOGRAFIA

AUMONT, Jacques. **A estética do filme**. São Paulo: Papyrus, 1995.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E TRABALHO

BARNWELL, Jane. **Fundamentos de Produção Cinematográfica**. Porto Alegre: Bookman, 2013.

BONASIO, V. Televisão: **Manual de Produção e Direção**. Minas Gerais: Leitura, 2002.

JULLIER, Laurent & Michel Marie. **Lendo as Imagens do Cinema**. São Paulo: Senac, 2009.

MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

MILLERSON, Gerald. **Técnicas da Câmera do Vídeo**. Lisboa: Ed. Gradiva, 1988.

BURCH, Noel. **Práxis do Cinema**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.

RODRIGUES, CHRIS. **O Cinema e a Produção**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

SOUZA, J. C. A. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus, 2004.

WATTS, Harry. **On Câmera: O Curso de Produção e Vídeos da BBC**. São Paulo: Summus editorial, 1990.

_____. **Direção de Câmera: Um Manual de Técnica de Vídeo e Cinema**. São Paulo: Summus editorial, 1999.

YORKE, Ivor. **Jornalismo diante das câmeras**. São Paulo: Summus editorial, 1999.

XAVIER, Ismail. **O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência**. 4ed. São Paulo: Paz e Terra. 2008.

11. PROJETO ESTUDOS E PESQUISAS

Carga horária: 48h

EMENTA: Desenvolvimento e execução de projeto audiovisual para as mais variadas mídias, gêneros e formatos. Pesquisa e produção do objeto audiovisual. Execução e apresentação de produto audiovisual.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E TRABALHO

CONTEÚDOS ESTRUTURANTES	CONTEÚDOS BÁSICOS
Desenvolvimento e execução de projeto audiovisual	1.1. Definição do tipo de projeto. 1.2. Elaboração do formato audiovisual do projeto. 1.3. Delimitação da temática.
Produção do projeto	2.1. Pré-produção do projeto. 2.2. Produção do projeto. 2.3. Pós-produção do projeto. 2.4. Divulgação e veiculação da peça audiovisual finalizada.
Projeto Final	3.1. Seminário e apresentação do trabalho final com exibição do filme para banca. 3.2. Mostra itinerante.

BIBLIOGRAFIA

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Os gêneros do discurso**. Tradução de Paulo Bezerra São Paulo (sp): Editora 34, 2016 [1952-1953].

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch; VOLOCHÍNOV, Valentin N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12ª ed. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Editora Hucitec, 2006 [1929].

BARNWELL, Jane. **Fundamentos de Produção Cinematográfica**. Porto Alegre: Bookman. 2013.

BURCH, Noel. **Práxis do Cinema**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.

RODRIGUES, CHRIS. **O Cinema e a Produção**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

WATTS, Harry. **On Câmera: O Curso de Produção e Vídeos da BBC**. São Paulo: Summus editorial, 1990.

_____. **Direção de Câmera: Um Manual de Técnica de Vídeo e Cinema**. São Paulo: Summus editorial, 1999.

YOSHIURA, Eunice Vaz. **Videoarte, Videoclipe**. Porto de Ideias, 2007.

VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaevich. **A construção da enunciação e outros ensaios**. Tradução de João Wanderley Geraldi. São Carlos (SP): Pedro & João Editores, 2013.



12. ROTEIRO AUDIOVISUAL

Carga horária: 64h

EMENTA: Estudo do conceito e criação de Roteiro: ficção, documentário e outras linguagens. Compreensão das etapas de produção de Roteiro. Criação de Roteiro de Curta-metragem. Aprendizagem de *software* de roteiro.

CONTEÚDOS ESTRUTURANTES	CONTEÚDOS BÁSICOS
Conceitos	1.1. Narrativa e roteiro. 1.2. Fundamentos do roteiro de ficção. 1.3. Fundamentos de roteiro documental. 1.4. Roteiro e adaptação.
Desenvolvimento	2.1. <i>Storyline</i> , argumento, sinopse e escaleta. 2.2. Personagens e diálogos. 2.3. Elaboração técnica de roteiro. 2.4. Nomenclatura específica. 2.5. <i>Software</i> de roteiro.
Criação	3.1. Roteiro audiovisual para projeto final.

BIBLIOGRAFIA

ALTIER, Dominique Parent. **O Argumento Cinematográfico**. Lisboa: texto & Grafia, 2009.

CAMPOS, Flávio de. **Roteiro de Cinema e Televisão: a Arte e a Técnica de Imaginar, Perceber e Narrar uma história**. Jorge Zahar, 2007.

CARRIERE, J.C., BONITZER, P. **Prática do Roteiro Cinematográfico**. São Paulo: JSN, 2004.

CHION, Michel. **O roteiro de cinema**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

COMPARATO, Doc. **Da Criação ao Roteiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

FIELD, SYD. **Manual do Roteiro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E TRABALHO

GOSCIOLA, Vicente. **Roteiro para as Novas Mídias: do Cinema as Mídias do Cinema às Mídias Interativas**. São Paulo: Senac, 2008.

HOWARD, D.; MABLEY, E. **Teoria e Prática do Roteiro**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1996.

MUSBURGER, Robert B. **Roteiro para Mídia Eletrônica**. Editora Campus, 2008.

MCKEE, R. **Story. Substância, Estrutura, Estilo e os Princípios da Escrita de Roteiro**. Curitiba: Arte & Letra, 2013.

SARAIVA. L. CANNITO. N., **Manual de Roteiro, ou Manuel, o Primo Pobre dos Manuais de Cinema TV**. São Paulo: Conrad, 2004.

SEGER, Linda. **Como aprimorar um bom Roteiro**. São Paulo: Bossa Nova, 2007.

13. TECNOLOGIAS DOS MEIOS AUDIOVISUAIS

Carga horária: 32h

EMENTA: Elaboração de material de comunicação para suportes diversos: criação de sons, imagens, animações, vídeos, textos, gráficos e aplicativos. Organizar e preparar arquivos digitais, tratar e editar imagens estáticas e animadas. Aplicabilidade em mídias digitais.

CONTEÚDOS ESTRUTURANTES	CONTEÚDOS BÁSICOS
Suportes e estruturas	1.1. Sistema operacional. 1.2. Conceitos de multimídia e hipermídia; 1.3. Tipos de mídias na produção audiovisual; 1.4. Formatos e características de arquivos de imagens e sons. 1.5. Sistemas multimídia e hipermídia; sistemas multimídia na internet; transmissão multimídia. 1.6. Aplicações multimídia;
Produção multimídia	2.1. Produção de mídia para internet. 2.2. Tratamento e edição de imagens. 2.3. Infográficos e <i>motion graphics</i> .



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E TRABALHO

	2.4. Formatos de vídeo. 2.5. Criação para plataformas. 2.6. Produtos.
--	---

BIBLIOGRAFIA

COSTA, D. G, **Comunicações multimídia na Internet: da teoria à prática**. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2007.

GOSCIOLA, V. **Roteiro para as novas mídias: do cinema às mídias interativas**. 2. ed. São Paulo: Senac, 2003.

HENRY, Jenkins. **Cultura da Convergência**. 2. Ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Loyola, 1998.

MACHADO, Arlindo. **Arte e Midia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

MANOVICH, Lev. **The Language of New Media**. Cambridge: MIT, 2001.

SANTAELLA, Lucia. **Cultura das mídias**. São Paulo: Experimento, 1996.

SANTAELLA, Lucia. **Matrizes da linguagem e pensamento sonoro, visual, verbal: aplicações na hipermídia**. São Paulo: Iluminuras, 2001.

b. Plano de Estágio NÃO OBRIGATÓRIO com Ato de Aprovação do NRE

1 Identificação da Instituição de Ensino

- Nome do estabelecimento:
- Entidade mantenedora:
- Endereço (rua, nº, bairro):
- Município:
- NRE:

2 Identificação do curso

- Habilitação:



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E TRABALHO

- Eixo Tecnológico:
- Carga horária total:
- Do curso: _____ horas
- Do estágio: _____ horas

3 Coordenação de Estágio

- Nome do professor (es):
- Ano letivo:

4 Justificativa

- Concepções (educação profissional, curso, currículo, estágio)
- Inserção do aluno no mundo do trabalho
- Importância do estágio como um dos elementos constituintes de sua formação
- O que distingue o estágio das demais disciplinas e outros elementos que justifiquem a realização do estágio

5 Objetivos do Estágio

6 Local (ais) de realização do Estágio

7 Distribuição da Carga Horária (por semestre, período)

8 Atividades do Estágio

9 Atribuições do Estabelecimento de Ensino

10 Atribuições do Coordenador

11 Atribuições do Órgão/Instituição que concede o Estágio

12 Atribuições do Estagiário



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E TRABALHO

13 Forma de acompanhamento do Estágio

14 Avaliação do Estágio

15 Anexos (se houver)

*O Plano de Estágio das instituições de ensino que ofertam Cursos Técnicos deve ser analisado pelo Núcleo Regional de Educação que emitirá parecer próprio (Ofício Circular nº 047/2004 - DEP/SEED e Instrução nº 028/2010 - SUED/SEED).

c. Descrição das práticas profissionais previstas

Ao longo do curso os estudantes participarão de palestras, visitas, seminários, projetos, festivais de cinema, apresentações teatrais, projetos interdisciplinares, eventos culturais, entre outros.



**SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E TRABALHO**

d. Matriz curricular

MATRIZ CURRICULAR PADRÃO

Matriz Curricular					
Instituição de Ensino:					
Município:					
Curso: TÉCNICO EM PRODUÇÃO DE ÁUDIO E VÍDEO					
Forma: SUBSEQUENTE			Implantação gradativa a partir de:		
Turno:			Carga Horária: 800 horas		
			Organização: Semestral		
N.	CÓD. (SAE)	DISCIPLINAS	SEMESTRES		TOTAL
			1ª	2º	
1	2351	COMUNICAÇÃO E LINGUAGEM MUDIÁTICAS	32	32	64
2	-	DIREÇÃO DE ARTE	48	-	48
3	2352	EDIÇÃO E FINALIZAÇÃO DE IMAGEM	32	48	80
4	2355	FOTOGRAFIA	48	32	80
5	3514	FUNDAMENTOS DO TRABALHO	32	-	32
6	-	HISTÓRIA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO	32	32	64
7	2380	LEGISLAÇÃO DOS MEIOS AUDIOVISUAIS	-	48	48
8	2358	LINGUAGEM AUDIOVISUAL	48	32	80
9	2381	PRODUÇÃO EM ÁUDIO	32	48	80
10	2382	PRODUÇÃO EM VÍDEO	32	48	80
11	8003	PROJETO ESTUDOS E PESQUISAS	-	48	48
12	2360	ROTEIRO AUDIOVISUAL	64	-	64
13	2403	TECNOLOGIA DOS MEIOS AUDIOVISUAIS	-	32	32
TOTAL			400	400	800



**SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E TRABALHO**

MATRIZ CURRICULAR OPERACIONAL

Matriz Curricular					
Instituição de Ensino:					
Município:					
Curso: TÉCNICO EM PRODUÇÃO DE ÁUDIO E VÍDEO					
Forma: SUBSEQUENTE				Implantação gradativa a partir de:	
Turno:				Carga Horária: 800 horas	
				Organização: Semestral	
N.	CÓD. (SAE)	DISCIPLINAS	SEMESTRES		TOTAL
			1ª	2º	
1	2351	COMUNICAÇÃO E LINGUAGEM MUDIÁTICAS	2	2	64
2	-	DIREÇÃO DE ARTE	3	-	48
3	2352	EDIÇÃO E FINALIZAÇÃO DE IMAGEM	2	3	80
4	2355	FOTOGRAFIA	3	2	80
5	3514	FUNDAMENTOS DO TRABALHO	2	-	32
6	-	HISTÓRIA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO	2	2	64
7	2380	LEGISLAÇÃO DOS MEIOS AUDIOVISUAIS	-	3	48
8	2358	LINGUAGEM AUDIOVISUAL	3	2	80
9	2381	PRODUÇÃO EM ÁUDIO	2	3	80
10	2382	PRODUÇÃO EM VÍDEO	2	3	80
11	8003	PROJETO ESTUDOS E PESQUISAS	-	3	48
12	2360	ROTEIRO AUDIOVISUAL	4	-	64
13	2403	TECNOLOGIA DOS MEIOS AUDIOVISUAIS	-	2	32
TOTAL			25	25	800



e. Orientações Metodológicas

1 INTRODUÇÃO

Tomando como referência as “Diretrizes Curriculares da Educação Profissional para a Rede Pública do Paraná”, é importante apresentar os encaminhamentos metodológicos como parte integrante do Plano de Curso Técnico em Produção de Áudio e Vídeo, tanto na sua forma integrada quanto subsequente, para organização das práticas pedagógicas a serem desenvolvidas ao longo do curso.

Considerando que as ações pedagógicas dos professores de acordo com as Diretrizes supracitadas objetivam atender as necessidades dos estudantes, tendo em vista o perfil profissional, o compromisso com a formação profissional e da cidadania, a apropriação dos conhecimentos, a reflexão crítica e a autonomia, faz-se necessário assumir a concepção da Educação Profissional e seus princípios:

O trabalho como princípio educativo

O trabalho enquanto categoria ontológica explica que o homem é diferente dos outros animais, pois é por meio da ação consciente do trabalho, que o homem é capaz de criar a sua própria existência. Portanto, é na relação Homem-Homem e Homem-Natureza, que se situa a compreensão da escola politécnica na Educação Profissional.

A organização curricular integrada da Educação Profissional, considerando a categoria do Trabalho, agrega como elementos integradores a Ciência, a Cultura e a Tecnologia, pois a:

- Ciência é produção de conhecimentos sistematizados social e historicamente pelo homem.

- Cultura, o processo dinâmico de criação e representações sociais manifestas pelo homem por meio de símbolos.
- Tecnologia, a construção social que decorre das relações sociais, ou seja, das organizações políticas e econômicas da sociedade. A tecnologia é “ mediação entre ciência (apreensão e desvelamento do real) e produção (intervenção) no real” . (RAMOS, 2004; 2005 apud BRASIL, 2007, p. 44).

Essas dimensões articuladas devem promover o equilíbrio entre atuar praticamente e trabalhar intelectualmente.

Assim, o tratamento metodológico deve privilegiar a relação entre teoria e a prática e entre a parte e a totalidade, fazendo com que haja integração entre os conteúdos nas dimensões disciplinar e interdisciplinar.

O princípio da integração

A integração é o princípio norteador da práxis pedagógica na Educação Profissional e articula as dimensões disciplinar e interdisciplinar

Disciplinar significa os campos do conhecimento que podemos reconhecê-los como sendo os conteúdos que estruturam o currículo - conteúdos estruturantes.

As disciplinas, por sua vez, são os pressupostos para a interdisciplinaridade, na medida em que as relações que se estabelecem por meio dos conceitos da relação teoria e prática extrapolam os muros da escola e, permitem ao estudante a compreensão da realidade e dos fenômenos inerentes a ela para além das aparências:

A interdisciplinaridade, como método, é a reconstituição da totalidade pela relação entre os conceitos originados a partir de distintos recortes da realidade; isto é, dos diversos campos da ciência representados em disciplinas. (RAMOS, 2007).



Assim, os encaminhamentos metodológicos exigem uma organização dos conteúdos que permita aos estudantes se apropriarem dos conceitos fundamentais das disciplinas no contexto da interdisciplinaridade e da integração.

2 ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS

Os encaminhamentos metodológicos devem considerar os princípios e concepção da integração, na perspectiva de garantir uma formação politécnica aos estudantes da Educação Profissional.

A politecnia nesse contexto significa dominar os princípios da ciência e as suas diferentes técnicas, no contexto do processo produtivo - TRABALHO, e não no seu sentido restrito do conjunto de muitas técnicas.

Nesse sentido, a intervenção do professor por meio do ato de ensinar deve ser intencional na medida em que ele se compromete com uma educação de qualidade e uma formação profissional para o mundo do trabalho. Assim, é importante ressaltar também o papel da escola e, para tanto, o reafirmamos com Libâneo:

[...] a escola tem, pois o compromisso de reduzir a distância entre a ciência cada vez mais complexa e a cultura de base produzida no cotidiano, e a provida pela escolarização. Junto a isso tem também o compromisso de ajudar os alunos a tornarem-se sujeitos presentes, capazes de construir elementos categoriais de compreensão e apropriação crítica da realidade (LIBÂNEO, 1998, p. 9)

Os conteúdos aqui mencionados não são quaisquer conteúdos, trata-se dos “ conhecimentos construídos historicamente e que se constituem, para o trabalhador, em pressupostos a partir dos quais se podem construir novos conhecimentos no processo investigativo e compreensão do real.” (RAMOS, 2005, p.107).



Portanto, como **encaminhamentos metodológicos** indicam-se as proposições apontadas por Marise Ramos:

Problematização dos Fenômenos

Trata-se de usar a metodologia da problematização, no sentido de desafiar os estudantes a refletirem sobre a realidade que os cerca na perspectiva de buscar soluções criativas e originais para os problemas que se apresentam a respeito dessa realidade:

*Problematizar fenômenos - fatos e situações significativas e relevantes para compreendermos o mundo em que vivemos, bem como processos tecnológicos da área profissional para a qual se pretende formar [...] **como ação prática.***

Isso significa:

- Elaborar questões sobre os fenômenos, fatos e situações.
- Responder às questões elaboradas à luz das teorias e conceitos já formulados sobre o(s) objeto(s) estudados - conteúdos de ensino.

Explicitação de Teorias e Conceitos

A partir de uma situação problema indicada para reflexão, análise e solução, deixar claro para os estudantes quais conceitos e quais teorias dão suporte para a apreensão da realidade a ser estudada:

Explicitar teorias e conceitos fundamentais para a compreensão do(s) objetivo(s) estudados nas diversas perspectivas em que foi problematizada.

Nesse sentido, é importante:

- Localizá-los nos respectivos campos da ciência (áreas do conhecimento, disciplinas científicas e/ou profissionais).
- Identificar suas relações com outros conceitos do mesmo campo (disciplinaridade) e de campos distintos do saber (interdisciplinaridade).



Classificação dos Conceitos-Conhecimentos

Os “conhecimentos desenvolvidos na perspectiva da sua utilização pelas pessoas são de **formação geral** e fundamentam quaisquer **conhecimentos específicos** desenvolvidos com o objetivo de formar profissionais” .

Situar os conceitos como conhecimentos de formação geral e específica, tendo como referência a base científica dos conceitos e sua apropriação tecnológica, social e cultural.

Nessa dimensão, estarão os conhecimentos que, uma vez apropriados, permitem às pessoas formularem, agirem, decidirem frente a situações próprias de um processo produtivo. Esses conhecimentos correspondem a desdobramentos e aprofundamentos conceituais restritos em suas finalidades e aplicações, bem como as técnicas procedimentais necessárias à ação em situações próprias a essas finalidades.

Organização dos Componentes Curriculares e as Práticas Pedagógicas

As opções pedagógicas implicam em redefinir os processos de ensino, pensando no sujeito que aprende (estudante) de modo a considerar a realidade objetiva (totalidade histórica).

Organizar os componentes curriculares e as práticas pedagógicas, visando a corresponder, nas escolhas, nas relações e nas realizações, ao pressuposto da totalidade do real como síntese das múltiplas determinações.

São ações pedagógicas no contexto dos processos de ensino

- *Proposições de desafios e problemas.*
- *Projetos que envolvam os estudantes, no sentido de apresentar ações resolutivas - projetos de intervenção.*



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E TRABALHO

- *Pesquisas e estudos de situações na perspectiva de atuação direta na realidade.*

Os pressupostos que oferecem suporte ao currículo ancorado nos encaminhamentos metodológicos apresentados, de fato, se diferenciam de um currículo que tem como referência a reprodução de atividades na perspectiva do currículo tradicional que cinde com o princípio da integração. (RAMOS, 2005, p.122)

REFERÊNCIAS

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos, Para quê?** São Paulo: Cortez, 1998.

MACHADO, Lucília Regina de Souza. Diferenciais inovadores na formação de professores para a educação especial. In: **Revista Brasileira de Educação profissional e tecnológica**. Brasília: MEC, SETEC, 2008.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes da Educação Profissional: fundamentos políticos e pedagógicos**. Curitiba: SEED/PR, 2006.

_____. **Orientações Curriculares para o Curso de Formação de Docentes da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, em Nível Médio na Modalidade Normal**. Curitiba: SEED/ PR, 2014.

RAMOS, Marise Nogueira. O projeto de ensino médio sob os princípios do trabalho, da ciência e da cultura. In: FRIGOTTO, G. e CIAVATTA, M. **Ensino Médio: ciência, cultura e trabalho**. Brasília: MEC/SEMTEC, 2004.

_____. (org.) **Ensino Médio Integrado: concepção e contradições**. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. (org.) **Ensino Médio Integrado: concepção e contradições**. Concepção do Ensino Médio Integrado, São Paulo, 2007. Disponível em:

< http://www.iiiep.org.br/curriculo_integrado.pdf>. Acesso em 20/07/2015.

IX – SISTEMA DE AVALIAÇÃO E CRITÉRIOS DE APROVEITAMENTO DE CONHECIMENTOS, COMPETÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS ANTERIORES



AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

1 DA CONCEPÇÃO

Os pressupostos apontados pela legislação indicam uma concepção de avaliação ancorada nos princípios da educação politécnica e omnilateral, que considera o sujeito da aprendizagem um ser histórico e social, capaz de intervir na realidade por meio dos conhecimentos apropriados no seu percurso formativo.

Sendo assim, se a Educação Profissional se pauta no princípio da integração, não se pode e não se deve avaliar os estudantes de forma compartimentalizada. Formação integral significa pensar o sujeito da aprendizagem “por inteiro”, portanto avaliação contextualizada na perspectiva da unidade entre o planejamento e a realização do planejado. Nesse sentido, a avaliação da aprendizagem é parte integrante da prática educativa social.

Além do princípio da integração, a avaliação da aprendizagem nessa concepção, ancora-se também nos princípios do TRABALHO, numa perspectiva criadora ao possibilitar o homem trabalhar como o novo, construir, reconstruir, reinventar, combinar, assumir riscos, após avaliar, e, da CULTURA, pois adquire um significado cultural na mediação entre educação e cultura, quando se refere aos valores culturais e à maneira como são aceitos pela sociedade.

A sociedade não se faz por leis. Faz-se com homens e com ciência. A sociedade nova cria-se por intencionalidade e não pelo somatório de improvisos individuais. E nessa intencionalidade acentua-se a questão: A escola está em crise porque a sociedade está em crise. Para entender a crise da escola, temos que entender a crise da sociedade. E para se entender a crise da sociedade tem-se que entender da sociedade não apenas de rendimento do aluno em sala de aula. Expandem-se, assim, as fronteiras de exigência para os homens, para os professores; caso os mesmos queiram dar objetivos sociais, transformadores à educação, ao ensino, à escola, à avaliação. (NAGEL, 1985, p. 30)



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E TRABALHO

Nessa perspectiva, a avaliação revela o seu sentido pedagógico, ou seja, revela os resultados das ações presentes, as possibilidades das ações do futuro e as práticas que precisam ser transformadas.

2 DAS DIMENSÕES

A partir da concepção de avaliação anteriormente apresentada, decorrem as práticas pedagógicas, em uma perspectiva de transformação, onde as ações dos professores não podem ser inconscientes e irrefletidas, mas transparentes e intencionais. Nesse sentido, apresentam-se as três dimensões da avaliação que atendem esses pressupostos:

Diagnóstica

Nessa concepção de avaliação, os aspectos qualitativos da aprendizagem predominam sobre os aspectos quantitativos, ou seja, o importante é o diagnóstico voltado para as dificuldades que os estudantes apresentam no percurso da sua aprendizagem. Nesse sentido, é importante lembrar que o diagnóstico deve desconsiderar os objetivos propostos, metodologias e procedimentos didáticos.

A avaliação deverá ser assumida como um instrumento de compreensão do estágio de aprendizagem em que se encontra o aluno, tendo em vista a tomar decisões suficientes e satisfatórias para que possa avançar no seu processo de aprendizagem. (LUCKESI, 1995, p. 81)

Nesse sentido, considerando a principal função da escola que é ensinar e, os estudantes aprenderem o que se ensina, a principal função da avaliação é, nesse contexto, apontar/indicar para o professor as condições de apropriação dos conteúdos em que os estudantes se encontram - diagnóstico.

De acordo com a Deliberação nº 07/99 – CEE/PR:



**SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E TRABALHO**

Art. 1º. - a avaliação deve ser entendida como um dos aspectos do ensino pelo qual o professor estuda e interpreta os dados da aprendizagem e de seu próprio trabalho, com as finalidades de acompanhar e aperfeiçoar o processo de aprendizagem dos alunos, bem como diagnosticar seus resultados e atribuir-lhes valor. § 1º. - a avaliação deve dar condições para que seja possível ao professor tomar decisões quanto ao aperfeiçoamento das situações de aprendizagem. § 2º. - a avaliação deve proporcionar dados que permitam ao estabelecimento de ensino promover a reformulação do currículo com adequação dos conteúdos e métodos de ensino. § 3º. - a avaliação deve possibilitar novas alternativas para o planejamento do estabelecimento de ensino e do sistema de ensino como um todo. (PARANÁ, 1999, p. 01)

Dessa forma, o professor, diante do diagnóstico apresentado, terá condições de reorganizar os conteúdos e as suas ações metodológicas, caso os estudantes não estejam aprendendo.

Formativa

A dimensão formativa da avaliação se articula com as outras dimensões. Nesse sentido, ela é formativa na medida em que, na perspectiva da concepção integradora de educação, da formação politécnica também integra os processos de formação omnilateral, pois aponta para um aperfeiçoamento desses processos formativos seja para a vida, seja para o mundo do trabalho. Essa é a essência da avaliação formativa.

Os pressupostos colocados pela Resolução nº 06/2012 – CNE/CEB, já referenciada, indica uma concepção de educação ancorada no materialismo histórico. Isso significa que a avaliação também agrega essa concepção na medida em que objetiva que a formação dos estudantes incorpore as dimensões éticas e de cidadania. Assim, “o professor da Educação Profissional deve ser capaz de permitir que seus alunos compreendam, de forma reflexiva e crítica, os mundos do trabalho, dos objetos e dos sistemas tecnológicos dentro dos quais estes evoluem”. (MACHADO, 2008, p. 18)

Nesse caso, a avaliação de caráter formativo permite aos professores a reflexão sobre as suas ações pedagógicas e, nesse processo formativo, replanejá-las e reorganizá-las na perspectiva da inclusão, quando acolhe os estudantes com as suas dificuldades e limitações e aponta os caminhos de superação, em um “ato amoroso”. (LUCKESI, 1999, p.168)

Somativa

O significado e a proposta da avaliação somativa é o de fazer um balanço do percurso da formação dos estudantes, diferentemente do modelo tradicional de caráter classificatório. O objetivo não é o de mensurar os conhecimentos apropriados, mas avaliar os itinerários formativos, na perspectiva de intervenções pedagógicas para a superação de dificuldades e avanços no processo.

Apesar de a terminologia somativa dar a ideia de “soma das partes”, na concepção de avaliação aqui apresentada, significa que, no processo avaliativo o professor deverá considerar as produções dos estudantes realizadas diariamente por meio de instrumentos e estratégias diversificadas e, o mais importante, manter a integração com os conteúdos trabalhados – critérios de avaliação.

É importante ressaltar que a legislação vigente – Deliberação 07/99-CEE/PR, traz no seu artigo 6º, parágrafos 1º e 2º, o seguinte:

Art. 6º - Para que a avaliação cumpra sua finalidade educativa, deverá ser contínua, permanente e cumulativa. § 1º – A avaliação deverá obedecer à ordenação e a sequência do ensino aprendizagem, bem como a orientação do currículo. § 2º – Na avaliação deverão ser considerados os resultados obtidos durante o período letivo, num processo contínuo cujo resultado final venha incorporá-los, expressando a totalidade do aproveitamento escolar, tomando a sua melhor forma.

O envolvimento dos estudantes no processo de avaliação da sua aprendizagem é fundamental. Nesse sentido, a autoavaliação é um processo



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E TRABALHO

muito bem aceito no percurso da avaliação diagnóstica, formativa e somativa. Nele, os estudantes refletem sobre suas aprendizagens e têm condições de nelas interferirem.

3 DOS CRITÉRIOS

Crítério no sentido restrito da palavra que dizer aquilo que serve de base para a comparação, julgamento ou apreciação. No entanto, no processo de avaliação da aprendizagem significa os princípios que servem de base para avaliar a qualidade do ensino. Assim, os critérios estão estritamente integrados aos conteúdos.

Para cada conteúdo elencado, o professor deve ter a clareza do que efetivamente deve ser trabalhado. Isso exige um planejamento cuja organização contemple todas as atividades, todas as etapas do trabalho docente e dos estudantes, ou seja, em uma decisão conjunta todos os envolvidos com o ato de educar apontem, nesse processo, o que ensinar, para que ensinar e como ensinar.

Portanto, estabelecer critérios articulados aos conteúdos pertinentes às disciplinas é essencial para a definição dos instrumentos avaliativos a serem utilizados no processo ensino e aprendizagem. Logo, estão critérios e instrumentos intimamente ligados e deve expressar no Plano de Trabalho Docente a concepção de avaliação na perspectiva formativa e transformadora.

4 DOS INSTRUMENTOS

Os instrumentos avaliativos são as formas que os professores utilizam no sentido de proporcionar a manifestação dos estudantes quanto a sua aprendizagem. Segundo LUCKESI (1995, p.177, 178,179), devem-se ter alguns cuidados na operacionalização desses instrumentos, quais sejam:

a) ter ciência de que, por meio dos instrumentos de avaliação da aprendizagem, estamos solicitando ao educando que manifeste a sua intimidade (seu modo de aprender, sua aprendizagem, sua capacidade de raciocinar, de poetizar, de criar estórias, seu modo de entender e de viver, etc.); b) construir os instrumentos de coleta de dados para a avaliação (sejam eles quais forem), com atenção aos seguintes pontos: articular o instrumento com os conteúdos planejados, ensinados e aprendidos pelos educandos, no decorrer do período escolar que se toma para avaliar; cobrir uma amostra significativa de todos os conteúdos ensinados e aprendidos de fato “- conteúdos essenciais; compatibilizar as habilidades (motoras, mentais, imaginativas...) do instrumento de avaliação com as habilidades trabalhadas e desenvolvidas na prática do ensino aprendizagem; compatibilizar os níveis de dificuldade do que está sendo avaliado com os níveis de dificuldade do que foi ensinado e aprendido; usar uma linguagem clara e compreensível, para salientar o que se deseja pedir. Sem confundir a compreensão do educando no instrumento de avaliação; construir instrumentos que auxiliem a aprendizagem dos educandos, seja pela demonstração da essencialidade dos conteúdos, seja pelos exercícios inteligentes, ou pelos aprofundamentos cognitivos propostos. c) [...] estarmos atentos ao processo de correção e devolução dos instrumentos de avaliação da aprendizagem escolar aos educandos: quanto à correção: não fazer espalhafato com cores berrantes; quanto à devolução dos resultados: o professor deve, pessoalmente, devolver os instrumentos de avaliação de aprendizagem aos educandos, comentando-os, auxiliando-os a se autocompreender em seu processo pessoal de estudo, aprendizagem e desenvolvimento.

5 DO SISTEMA DE AVALIAÇÃO

Em atendimento às Diretrizes para Educação Profissional, definidas pela Resolução nº 06/2012 – CNE/CEB, no seu artigo 34:

Art. 34 - A avaliação da aprendizagem dos estudantes visa à sua progressão para o alcance do perfil profissional de conclusão, sendo contínua e cumulativa, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos, bem como dos resultados ao longo do processo sobre os de eventuais provas finais. (MEC, 2012)



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E TRABALHO

Diante do exposto, a avaliação será entendida como um dos aspectos de ensino pelo qual o professor estuda e interpreta os dados da aprendizagem dos estudantes e das suas ações pedagógicas, com as finalidades de acompanhar, diagnosticar e aperfeiçoar o processo de ensino e aprendizagem em diferentes situações metodológicas.

A avaliação será expressa por notas, sendo a mínima para aprovação – 6,0 (seis vírgula zero), conforme a legislação vigente.

Recuperação de Estudos

De acordo com a legislação vigente, o aluno cujo aproveitamento escolar for insuficiente será submetido à recuperação de estudos de forma concomitante ao período letivo.

6 DO APROVEITAMENTO DE ESTUDOS

Os Cursos integrados não preveem aproveitamento de conhecimentos, competências e experiências anteriores, considerando que o estudante é egresso do Ensino Fundamental.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução nº 06/2012**. Brasília: MEC, 2012.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **A avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

NAGEL, Lizia Helena. **Avaliação, sociedade e escola: fundamentos para reflexão**. Curitiba, Secretaria de Estado da Educação-SEED/PR, 1985.

PARANÁ. Conselho Estadual de Educação. **Deliberação 07/1999**. Curitiba: CEE-PR, 1999.

_____. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes da educação profissional: fundamentos políticos e pedagógicos**. Curitiba: SEED/ PR, 2006.



X - ARTICULAÇÃO COM O SETOR PRODUTIVO

A articulação com o setor produtivo estabelecerá uma relação entre o estabelecimento de ensino e instituições que tenham relação com o Curso Técnico em Produção de Áudio e Vídeo, nas formas de entrevistas, visitas, palestras, reuniões com temas específicos com profissionais das Instituições conveniadas.

XI - PLANO DE AVALIAÇÃO DO CURSO

O curso será avaliado com instrumentos específicos, construídos pelo apoio pedagógico do estabelecimento de ensino para serem respondidos (amostragem de metade mais um) por alunos, professores, pais de alunos, representante(s) da comunidade, conselho escolar, APMF. Os resultados tabulados serão divulgados, com alternativas para solução.

XII - INDICAÇÃO DO COORDENADOR DE CURSO:

Deve ser graduado com habilitação específica e experiência comprovada. O Coordenador deverá ter habilitação nas áreas de Artes ou Comunicação Social, com graduação ou pós-graduação em comunicação social, jornalismo, cinema, música, produção sonora ou audiovisual.

XIII - RECURSOS MATERIAIS

Biblioteca: (em espaço físico adequado e relacionar os itens da bibliografia específica do curso, conter quantidade)

Laboratório: indicar o(s) laboratório(s) de Informática e o(s) específico(s) do curso



Instalações Físicas: indicar as outras instalações da instituição e ensino, observando os espaços (iluminação, aeração, acessibilidade) e os mobiliários adequados a cada ambiente e ao desenvolvimento do curso

Equipamentos: relacionar os equipamentos e materiais essenciais ao curso

XIV - INDICAÇÃO DE PROFISSIONAL RESPONSÁVEL PELA MANUTENÇÃO E ORGANIZAÇÃO DO LABORATÓRIO

Deve ser graduado com habilitação específica ou ter curso técnico profissionalizante nas áreas de comunicação, jornalismo, cinema, música, produção sonora ou audiovisual.

XVI - RELAÇÃO DE DOCENTES

Devem ser graduados com habilitação e qualificação específica nas disciplinas para as quais forem indicados anexando documentação comprobatória.

Os docentes com graduação ou pós-graduação em comunicação, jornalismo, cinema, música, produção sonora ou audiovisual, estarão habilitados a ministrarem as aulas no curso de Técnico em Produção de Áudio e Vídeo.

Para disciplina de Roteiro Audiovisual, os docentes, além das áreas acima citadas, poderão ser graduados em Letras ou em Teatro, mas que devem ter pós-graduação na área de audiovisual ou ter experiência profissional na área de áudio e vídeo.

Os docentes com graduação ou pós-graduação em Sociologia atuarão na disciplina de Fundamentos do Trabalho.



XVII - CERTIFICADOS E DIPLOMAS

Certificação: Não haverá certificados no Curso Técnico em Produção de Áudio e Vídeo, considerando que não há itinerários alternativos para qualificação.

Diploma: Ao concluir o Curso Técnico em Produção de Áudio e Vídeo conforme organização curricular aprovada, o aluno receberá o Diploma de Técnico em Produção de Áudio e Vídeo.

O Técnico em Produção de Áudio e Vídeo domina conteúdos e processos relevantes do conhecimento científico, tecnológico, social e cultural utilizando suas diferentes linguagens, o que lhe confere autonomia intelectual para acompanhar as mudanças, de forma a intervir no mundo do trabalho, orientado por valores éticos que dão suporte a convivência democrática.

O Catálogo Nacional de Cursos Técnicos do Ministério da Educação – MEC ainda aponta com campo de atuação: emissoras de televisão e rádios educativas, comunitárias, comerciais e produção para internet. Estúdios, produtoras de vídeo e agências de publicidade.

Ao finalizar o Curso, ainda são permitidas ao técnico de Produção em Áudio e Vídeo na Atividade de Produção, no Setor de Direção (diretor de programação e diretor de programas); Setor de Produção (continuista, diretor de imagens, analista musical e produtor de rádio e TV); na Atividade Técnica, nos Setores de Direção (supervisor técnico); e Setor de Tratamento e Registro Sonoros ou Audiovisuais (sonoplasta, controlador de programação, operador de controle mestre, editor de mídia audiovisual, iluminador, assistente de operações audiovisuais, operador de câmera, operador de mídia audiovisual e técnico de sistemas audiovisuais); atendendo o Decreto nº 9.329 de 2018.

Outras ocupações segundo o CBO associadas: 372105 - Diretor de fotografia. 372115 - operador de câmera de televisão. 373205 - Técnico em



**SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E TRABALHO**

operação de equipamentos de produção para televisão e produtoras de vídeo. 374105-Técnico em gravação de áudio. 374210 - Maquinista de cinema e vídeo. 374405 - Editor de TV e vídeo. 374415 - Finalizador de vídeo. 373210 - Técnico em operação de equipamento de exibição de televisão. 373220 - Supervisor técnico operacional de sistemas de televisão e produtoras de vídeo. 374130 - Técnico em mixagem de áudio.

XVIII - CÓPIA DO REGIMENTO ESCOLAR E/OU ADENDO COM O RESPECTIVO ATO DE APROVAÇÃO DO NRE

A finalidade é constatar as normas do curso indicado no Plano de Curso.

XIX - ANUÊNCIA DO CONSELHO ESCOLAR DO ESTABELECIMENTO MANTIDO PELO PODER PÚBLICO

Apresentação de ata ou declaração com assinaturas dos membros.

XX - PLANO DE FORMAÇÃO CONTINUADA

O estabelecimento deve descrever o plano de formação continuada para o corpo docente.